

O simbólico do feminino, do masculino e da natureza em séries de TV românticas sul-coreanas

DANILO FANTINEL

*Universidade Paulista
São Paulo, São Paulo, Brasil*

ID 3202

Recebido em
24.05.2025

Aceito em
21.10.2025

Séries de TV sul-coreanas românticas relacionam protagonistas e elementos do mundo natural em histórias de amor que atraem brasileiros. Neste artigo, oriundo de pesquisa sobre K-dramas na perspectiva dos Estudos do Imaginário, apresentamos resultados de leituras simbólicas sobre nove doramas. Buscamos compreender quais conteúdos do imaginário antropológico inspiram personagens e natureza nas tramas. Movimentações do simbólico arquetípico resultam em personagens masculinos mais sensíveis, românticos e amorosos e em figuras femininas mais autônomas, decididas e incisivas. Já o simbólico da natureza é mais estável, proporcionando sentidos fecundos e frutuosos no que diz respeito ao amor a dois.

Palavras-chave: Série sul-coreana. K-drama. Dorama. Imaginário. Simbolismo.

The Symbolic Aspects of the Feminine, the Masculine and Nature in South Korean Romantic TV Series

Romantic South Korean TV series link protagonists and elements of nature in love stories popular among Brazilians. Based on research in Imaginary Studies, this article presents symbolic readings of nine K-dramas, exploring which aspects of the anthropological imaginary inspire their characters and natural settings. Archetypal symbolism shapes more sensitive, romantic male figures and more autonomous, determined female ones, while nature's symbolism remains stable, offering fertile meanings for romantic love.

Palavras-chave: TV series. K-drama. Dorama. Imaginary. Symbolism.

Lo simbólico de lo femenino, lo masculino y la naturaleza en las series románticas de TV surcoreanas

Las series de TV surcoreanas románticas vinculan protagonistas y elementos de la naturaleza en historias de amor que atraen a brasileños. Basado en investigación en Estudios del Imaginario, este artículo presenta lecturas simbólicas de nueve doramas, analizando qué contenidos del imaginario antropológico inspiran personajes y naturaleza. Lo arquetípico produce hombres más sensibles y románticos, y mujeres más autónomas y decididas, mientras lo simbólico de la naturaleza es estable, ofreciendo significados fecundos para el amor de pareja.

Palabras clave: Serie surcoreana. K-drama. Dorama. Imaginario. Simbolismo.



ORCID

Danilo **FANTINEL**

Doutor em Comunicação pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (PPGCOM-UFRGS), com estágio doutoral na Université Jean Moulin Lyon 3 e pós-doutorado pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Paulista (PPGCOM-UNIP), em ambos os casos com bolsa da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes).

Universidade Paulista, São Paulo, São Paulo, Brasil

E-mail: danilo.fantinel@gmail.com

Introdução

A audiência de séries de TV produzidas na Coreia do Sul cresceu no Brasil durante e após a pandemia que abalou o mundo entre 2020 e 2022. O afastamento social provocado pelo combate à covid-19 aproximou parte dos espectadores brasileiros aos K-dramas – os dramas televisivos sul-coreanos também conhecidos como *doramas*⁰¹, um dos pilares da Hallyu⁰², a bilionária⁰³ onda de cultura pop do país composta também por cinema, *games*, literatura⁰⁴ e pelo K-pop⁰⁵. Uma pesquisa realizada no segundo semestre de 2020 pelo Ministério da Cultura, Esportes e Turismo da Coreia do Sul (Almeida, 2023) revelou que o Brasil foi o terceiro maior consumidor de produções audiovisuais sul-coreanas naquele ano, ficando atrás da Malásia e da Tailândia.

Nesse contexto de valorização das séries sul-coreanas, aquelas do gênero romance fazem sucesso entre audiências brasileiras, oferecendo ao público casais protagonistas frequentemente heterossexuais em tramas melodramáticas adornadas por paisagens e elementos naturais que são estética e narrativamente alinhados ao enredo. Surge daí o interesse em se entender quais elementos simbólicos vinculados ao imaginário antropológico inspiram e dinamizam os K-dramas do *corpus* deste estudo em três diferentes segmentos: o masculino, o feminino e a natureza.

Neste artigo, pretendemos apresentar resultados de pesquisa⁰⁶ acerca do simbolismo de raiz arquetípica que motiva K-dramas produzidos entre 2018 e 2022 – portanto, dois anos antes e dois anos depois do ápice de consumo apontado pelo levantamento acima citado. Nossa pesquisa deu-se na perspectiva dos Estudos do Imaginário, o que nos permitiu a realização de leituras simbólicas sobre as séries com foco tanto em seus casais protagonistas quanto em componentes naturais presentes nas histórias, sendo este nosso procedimento metodológico. A interpretação das imagens e simbolismos do imaginário que irrompem nesses doramas, oferecendo-se como dínamo simbólico de produtos culturais e midiáticos tão apreciados no Brasil, torna-se importante para que se tenha uma compreensão mais profunda sobre como elementos arcaicos da imaginação simbólica seguem inspirando sentido no audiovisual contemporâneo – e quais seus reflexos sobre tramas e personagens.

01 O termo *dorama* designa principalmente as séries japonesas surgidas na década de 1950 (Garcia; Hsu; Albuquerque, 2021). A palavra refere-se à forma sonora como japoneses falam a palavra *drama* em inglês.

02 A sistematização da indústria cultural da Coreia do Sul começa no final dos anos 1990, quando o país já identificava na cultura um potencial para fortalecer a identidade nacional e incrementar sua participação no mercado global de produtos culturais, exercendo influência simbólica sobre diferentes regiões do mundo. A sólida estratégia de *soft power* (Nye Jr., 2002) foi adotada durante a presidência de Kim Young Sam, cujas medidas incluíram investimento sistemático em diferentes setores culturais a partir de 1997. A Coreia do Sul criou leis de incentivo, abriu cursos de audiovisual nas universidades e enviou profissionais para estagiar em empresas de entretenimento no exterior. Com o tempo, formou-se a Hallyu, que hoje atinge inúmeros países. Krystal Urbano (2022), que estudou as japonesidades e coreanidades pop no contexto brasileiro, explica que a difusão midiática do fenômeno da Japão Mania e da Onda Coreana em nosso país se relaciona com o contexto de popularização das séries de TV de monstros gigantes e heróis fantasiados nos anos 1970 e 1980 (os tokusatus), dos animes na década de 1990 e também com a transposição destes e de outros produtos culturais para novas mídias digitais nos anos 2000.

03 Segundo levantamento feito pela Fundação Coreana para o Intercâmbio Cultural Internacional (Kofice), as exportações de conteúdos do país asiático atingiram US\$ 11,69 bilhões em 2022, contra US\$ 12,4 bilhões em 2021 (Mariano, 2023).

04 Como destaque no campo literário, a principal romancista da Coreia do Sul, Han Kang, tornou-se a 18ª mulher e a primeira asiática a ganhar o prêmio Nobel de Literatura em outubro de 2024.

05 O primeiro grande sucesso global do K-pop foi a música “Gangnam Style”, do cantor e produtor musical PSY, nome artístico de Park Jae-Sang. Já a banda BTS acumulou 23 recordes no Guinness Book, incluindo o de maior número de ingressos vendidos para um show on-line.

06 O presente artigo resulta da pesquisa *Irrupções simbólicas do feminino, do masculino e da natureza em séries de TV românticas sul-coreanas*, realizada com bolsa PDPG-POSDOC Capes em nível de pós-doutorado no âmbito do PPGCOM-UNIP entre os anos de 2023 e 2025.

De forma geral, doramas românticos oferecem, por meio da experiência que proporcionam, alguma satisfação de sonhos, fantasias e desejos de amor entre seus espectadores. Assim como os melodramas da telenovela brasileira, as séries sul-coreanas apresentam, em sua maioria, mocinhos e mocinhas que formam o casal protagonista heterossexual; vilões ou adversários sempre interessados em acabar com a alegria da dupla; um casal heterossexual secundário, mais jovem, que busca aproximação amorosa em paralelo ao casal principal; personagens apaixonados com grande variação de humor devido a paixão, ciúmes e amor; a figura do/da personagem idoso/a e experiente que serve de modelo aos protagonistas; um núcleo cômico com personagens excêntricos; conflitos variados, muitas vezes rocambolescos, mas sempre solúveis; algum contexto histórico-social que pode ou não ser crítico à situação; além de belos cenários, locações, paisagens, figurinos e trilha sonora de impacto estético e narrativo.

Esse universo de personagens, situações e elementos é similar ao encontrado nas nove séries que integram nosso *corpus* de pesquisa, todas acessíveis pela Netflix, o portal de *streaming* mais acessado no Brasil segundo pesquisa da empresa alemã Just Watch (2024)⁰⁷. Os K-dramas estudados são *Something in the Rain* (2018), *Hotel del Luna* (2019), *Pousando no Amor* (2019–2020), *O Rei Eterno* (2020), *Eu irei quando o tempo estiver bom* (2020), *Hometown Cha cha cha* (2021), *Vichenzo* (2021), *Nosso eterno verão* (2021–2022) e *Pretendente Surpresa* (2022). No formato mais comum, esses doramas apresentam 16 capítulos com cerca de 70 minutos cada. Exceções são *Pretendente Surpresa*, com 12 episódios, e *Vichenzo*, com 20. Levando em conta a média de 70 minutos por episódio, contamos 144 episódios e 10.080 minutos de K-dramas pesquisados, o equivalente a 168 horas de audiovisual para leituras interpretativas que buscam a essência simbólica do masculino, do feminino e da natureza dentro das tramas.

Nesta pesquisa, identificamos movimentações do simbólico arquetípico que resultam em personagens masculinos mais sensíveis, românticos e amorosos e em figuras femininas mais autônomas, decididas e incisivas. Já no que diz respeito à natureza, percebemos uma maior estabilidade do simbólico, proporcionando sentidos fecundos e frutuosos no que diz respeito ao amor a dois.

Do imaginário antropológico à leitura simbólica

Nossa pesquisa recorre aos Estudos do Imaginário para realizar leituras simbólicas de nove K-dramas do gênero romance no intuito de compreender e interpretar os elementos do imaginário que inspiram as séries sul-coreanas de nosso *corpus* de pesquisa a partir de três eixos de interesse: o feminino, o masculino e a natureza. Seguindo uma tradição de pesquisa sobre arquétipos, imagem, símbolo e mito, destacamos seu poder psíquico, semântico e cultural.

Mas como outorgamos sentido? De que fonte, em última análise, extraímos o significado? As formas que usamos para outorgar sentido são categorias históricas que remontam às brumas da Antiguidade, fato que não levamos suficientemente em conta. Para dar sentido servimo-nos de certas matrizes linguísticas que, por sua vez, derivam de imagens primordiais. Podemos abordar essa questão como quer que seja e sempre nos confrontaremos com a história da linguagem e dos motivos que nos reconduzem direto ao mundo maravilhoso dos primitivos (Jung, 2000, p. 42).

Em busca de uma interseção teórica e metodológica que instaure relações entre a materialidade da narrativa audiovisual das séries sul-coreanas e a fluidez imaterial dos componentes constitutivos do imaginário, e que nos permita a proposição de leituras simbólicas sobre os doramas selecionados, optamos por valorizar a *imaginação simbólica* e a *mitocrítica*. Importantes noções teóricas oferecidas por Gilbert

⁰⁷ Conforme levantamento da empresa, divulgado pela *Revista Meio & Mensagem* (2024), a Netflix tinha 26% de presença no mercado de *streaming* no Brasil no terceiro trimestre de 2024. A Prime Vídeo apresentou 19% de participação; a Disney+, 14%; a Max, 13%; a Globoplay, 12%; a Apple TV+, 8%; e outras plataformas juntas apresentaram 8% de *market share* no mesmo período.

Durand (1993; 1996; 2012), elas ajudam no desenvolvimento de uma sensibilidade acadêmica propícia à interpretação de imagens simbólicas, simbolismos, mitos ou mitemas que inspiram nosso *corpus*. Durand (1993) entende a imaginação simbólica como um dínamo produtor e organizador de imagens, símbolos e mitos que integram o sistema dinâmico do imaginário antropológico e, por consequência, da cultura e das artes. Assim como ao próprio imaginário, Durand atribui ao pensamento simbólico uma função de equilíbrio social e cultural em diferentes níveis: o vital (atenuar a difícil situação do sujeito no mundo por meio do processo de eufemização simbólica da realidade, da passagem do tempo e da consciência sobre a morte); o psicossocial (reequilíbrio mental dos indivíduos e reequilíbrio sócio-histórico das sociedades por meio de um simbólico que busca aplacar medos, angústias, anseios, comoções, desequilíbrios); e o antropológico (religar o simbólico e o mítico ao humano em uma civilização tecnocrática).

Nessa religação dos saberes no mundo contemporâneo, Durand (1996) oferece a mitocrítica como procedimento metodológico ideal para a análise da influência de narrativas míticas sobre obras literárias no intuito de se verificar as variações do mito (e seus efeitos) em seu processo de disseminação cultural. Cabe lembrar, porém, que Durand (1996, p. 145) compreendia o potencial de sua proposição teórico-metodológica para além do texto escrito, tendo afirmado que o método arquetipológico é “válido para qualquer mensagem que emana do homem e não apenas para a mensagem literária enquadrada no código de uma língua natural”. Em nossa pesquisa, alinhamos a proposta teórico-metodológica de Durand para o estudo do audiovisual.

Destacado pensador do imaginário antropológico, Durand (2012) o compreende como um amplo sistema de arquétipos, imagens simbólicas, simbolismos, mitos e metáforas poéticas. Conforme o autor, arquétipos seriam a raiz de todas as imagens e de todo o simbolismo, como já apontaram Carl Gustav Jung, Gaston Bachelard e Mircea Eliade. Jung (1978; 2000; 2008) teorizou a noção de arquétipos em sua psicologia analítica, entendendo-os como conteúdos psíquicos ou potencialidades da mente presentes nos inconscientes pessoal e coletivo. São tipos ou formas primordiais de ser, saber e fazer que se enraizaram na mente humana ao longo da evolução biopsíquica e cultural da espécie. Arquétipos não são “imagens visuais” vagando na mente; ao contrário, são como modelos psíquicos de comportamento/conhecimento que orientam a vida sociocultural das pessoas ao longo dos tempos.

Essa energia psíquica irrompe a partir do inconsciente para se manifestar nos sonhos e em complexos psíquicos, sendo conscientizada pela imaginação simbólica para inspirar o sagrado, o mítico, o cultural, o artístico e o midiático. Nesses casos, porém, não se trata mais do arquétipo em si, mas sim de sua versão conscientizada: a imagem arquetípica. Jung, Bachelard, Eliade e Durand concordam que objetos artísticos e culturais têm uma motivação simbólica de raiz arquetípica cujo sentido remete à experiência vivida, evidenciando assim um simbolismo oriundo de um passado remoto. O simbólico arquetípico, portanto, carrega em si um sentido que independe de visualidade e de conceituação, sendo da ordem do sensível e da percepção intuitiva. A imagem simbólica, decorrente do arquétipo, não depende de conceito para ser compreendida, pois em seu sentido há algo já vivido, já reconhecível em algum nível de compreensão.

Durand estabelece uma relação direta entre arquétipos e mitos, o quais seriam narrativas de fundo sagrado que colocam em discurso sentidos oferecidos por imagens arquetípicas e simbólicas. No início do século XX, o mito passa a ser estudado do modo como era compreendido no mundo arcaico: uma narrativa oral e sagrada de alta importância cultural, repleta de arquétipos e imagens simbólicas promotoras de sentido. Simbolicamente, mitos podem explicar as origens do cosmos, do mundo, dos humanos – são os mitos cosmogônicos, segundo Mircea Eliade (2016). Mitos também podem prescrever formas de ser, saber e fazer inspirando ritos, tradições, hábitos e tendo, assim, um sentido simbólico funcional organizativo entre os povos – são mitos de pertencimento cultural, conforme Claude-Gilbert Dubois (1998). Outras narrativas míticas apresentam intuito formativo das pessoas – como os mitos de individuação, ou identitários, segundo Eliade (2016). Como observou Claude Lévi-Strauss (1983), mitos contêm mitemas, pequenos núcleos semânticos

marcados por redundância simbólica que conferem sentido arquetípico ao mito. Para Durand, o mito é uma dinâmica de arquétipos, imagens e símbolos articulados em narrativa, na qual mitemas são recorrentes e reveladores. Porém, o autor explica que, no discurso mítico, o símbolo é mais importante que o processo narrativo, pois “a consciência mítica dá a primazia à intuição semântica” (Durand, 1996, p. 42). Assim, o que mais importaria no mito (e para a mitocrítica) seria seu sentido simbólico, e não sua estrutura narrativa, sua simples história.

Por um lado, o mito sobrevive nas sociedades por vivência, rememoração, recitação, repetição ritual, reinserindo no presente os momentos míticos originais e fabulosos do passado. Por outro, ele revive na literatura, no teatro, na pintura, na escultura, na música e no cinema, energizando-os. Mitos, portanto, causam sensível impacto sagrado e sociocultural entre os povos, sempre repercutindo na cultura atual. E, ainda que o mito esteja atualmente desprovido de sua potência sagrada, sobretudo no mundo ocidental, ele se mantém vigoroso em termos simbólicos. Base de sociedades por gerações, mitos nos atingem ainda hoje de diferentes formas, frequências e intensidades, o que os torna, de algum modo, presentes, influentes, conhecidos e reconhecíveis.

Assim como o mito, o imaginário também enraíza o sujeito socioculturalmente, permitindo convivência, integração e equilíbrio psicossocial entre pessoas, inspirando nossa produção sagrada, cultural, artística e midiática por meio de seus elementos simbólicos constitutivos. No caso do audiovisual⁰⁸, verificamos a potência de componentes do imaginário nas histórias e em suas tramas narrativas, nos personagens e em seus arcos dramáticos, bem como nos mais diversos elementos técnicos e estéticos que compõem filmes ou séries, da interpretação do elenco a objetos de cena, cenografia, som e luz, fotografia, direção e montagem. Nossa leitura simbólica interpretativa busca entender os sentidos latentes de raiz imaginária e arquetípica que movem o audiovisual para compreender a significação mais essencial de séries e filmes. Nesta pesquisa, entender a motivação simbólica dos K-dramas do *corpus* nos permite ter uma visão mais profunda e enriquecedora sobre obras audiovisuais sul-coreanas do gênero romântico, especialmente no que se refere às ambiências de masculino, feminino e natureza.

Nosso desafio de pesquisa é, recorrendo à materialidade do audiovisual, interpretar o sentido simbólico desses três âmbitos nos nove K-dramas selecionados, traduzindo em palavras o que é da ordem do imaginativo e do intuitivo, o que nos leva a uma necessidade de iniciação⁰⁹ nas teorias e práticas do imaginário. Em nosso estudo, a assimilação do audiovisual pela esfera perceptiva soma-se à vivência de seu sentido simbólico na dimensão imaginativa. Esta postura é fundamental não apenas para a leitura simbólica em si, cujo processo de realização e resultados são descritos em nosso relatório final de pesquisa, mas também para a conduta sensível e intuitiva exigida pela coleta e indexação de *frames* (*prints* de tela) das séries em nosso banco de imagens digital. Esse banco de dados on-line, que dá materialidade visual às leituras simbólicas realizadas, foi elaborado durante nossas investigações. Seu formato e função também estão descritos em nosso relatório final, um dos legados metodológicos da pesquisa apto a ser seguido por outros pesquisadores no âmbito do PPGCOM-UNIP e além.

08 Já aprofundamos esta questão em outro artigo (Fantinel, 2022).

09 A pesquisa acadêmica envolvendo leituras simbólicas e mitocríticas exige iniciação do pesquisador nos mistérios do imaginário antropológico e em seus elementos constitutivos. Essa entrega sensível do pesquisador estimula sua imaginação simbólica criadora. Ana Taís Martins Portanova Barros e Malena Contrera (2018) já postularam sobre essa entrega iniciática do pesquisador ao simbolismo como requisito para a pesquisa comunicacional na perspectiva do imaginário. A iniciação nas leituras e práticas dos Estudos do Imaginário permite a compreensão mais complexa do simbólico inspirador do midiático. Sensíveis às emanações do símbolo, pesquisadores poderão se reaproximar dos conteúdos do imaginário, mesmo no contexto de crise do pensamento simbólico, para realizar pesquisas efetivas envolvendo as relações entre imagens técnicas em movimento e suas imagens simbólicas motivadoras.

Na leitura simbólica e na indexação de imagens visuais no banco de dados on-line, o pesquisador, que é um sujeito imaginante, deixa-se tocar pelo mesmo imaginário antropológico que também toca os realizadores das séries estudadas. Assim, imagens arquetípicas e simbólicas, mitos e mitemas que exercem força semântica sobre obras culturais se tornam mais facilmente reconhecíveis e passíveis de serem experimentadas no âmbito da fruição e da pesquisa.

Mulheres fortes e homens sensíveis são mais presentes

Em nossa pesquisa, relatamos os contextos gerais e os arcos narrativos dos protagonistas de cada história, destacando determinadas cenas cujos sentidos simbólicos motivadores buscamos interpretar. Procuramos elaborar interpretações para compreender como esses elementos do imaginário tocam o audiovisual, gerando sentidos que complementam as significações mais imediatas oferecidas pela estrutura estético-narrativa dos doramas. Após a realização de leituras simbólicas¹⁰ sobre os doramas selecionados, levando em conta nossos eixos de interesse acerca de masculino e feminino, identificamos certas movimentações pendulares do simbólico arquetípico. Já no que diz respeito à natureza, identificamos e interpretamos um sentido simbólico mais estável, voltado à organização e ao equilíbrio da relação entre os casais protagonistas.



Figura 1: Cenas de *Something in the Rain* (foto grande); *Nosso eterno verão* e *Eu irei quando o tempo estiver bom* (coluna menor à esquerda, abaixo); *Hometown Cha cha cha* e *Vichenzo* (coluna central, logo abaixo); *Hotel del Luna*, *Pousando no Amor*, *O Rei Eterno* e *Pretendente Surpresa* (coluna lateral direita, de cima para baixo)

Fonte: Netflix/Divulgação (2025, on-line).

Nos dramas de TV do *corpus*, cinco dos nove personagens masculinos pesquisados carregam conflitos ou dificuldades pessoais, mas são geralmente sensíveis, apazíveis, gentis e românticos, propícios à entrega total em um relacionamento amoroso, bem como à realização do sonho de amor nutrido tanto por eles quanto pelas personagens femininas. Eles são constituídos ao modo do herói simpático sugerido por Edgar Morin (2002, p. 92), sendo este uma figura bem identificada com o sujeito comum e com os desafios do cotidiano, “um sócia exaltado do espectador ao qual este está ligado por semelhanças e, simultaneamente, por uma simpatia profunda”. Há nesses casos, portanto, um afastamento do simbólico masculino heroico

¹⁰ Não apresentaremos neste artigo a integralidade das leituras simbólicas de cada série sul-coreana estudada. Elas constam em nosso relatório final de pesquisa. Nesta publicação, apresentaremos apenas seus resultados gerais.

tão comum ao imaginário antropológico, bem destacado por Durand (2012) como solar e celeste, ascendente e verticalizado, impetuoso e bélico, glorioso e desmedido, triunfante e trágico, cortante e decisivo, e, em muitos casos, sensual e erotizado.

Porém, no protagonismo masculino sul-coreano imperam gentileza, delicadeza, dedicação, sensibilidade, emoção, respeito, cuidado, cumplicidade, companheirismo, carinho, simpatia, empatia. São figuras mais afeitas ao afeto, à congregação, ao convívio harmônico, à comunhão alimentar, ao flerte e à sedução (não necessariamente ao sexo), bem como ao amor romântico – características mais comumente associadas ao universo simbólico feminino no imaginário humano ocidental, e também alinhadas ao herói simpático. De certa forma, esse grupo de protagonistas masculinos aparenta ter a imagem arquetípica da *anima*¹¹ bastante ativa, ou seja, um aspecto inconsciente feminino mais acentuado em sua psique, direcionando-os para sentimentos e comportamentos geralmente associados ao princípio feminino – um fenômeno não ligado a uma possível orientação sexual homoafetiva, sobretudo dado o quadro hegemonicamente heterossexual dos K-dramas estudados.

O simbólico do masculino em séries coreanas, portanto, tem características e valorizações ligadas ao imaginário antropológico alteradas por comportamentos e formas de ser que distanciam-se do masculino heroico tradicional, comumente representado em filmes e séries de TV ocidentais como virilizado, sexualizado, destemido, aventureiro, explorador, machista, bruto, tóxico, competitivo, além de extremamente confiante, eternamente dono de si e invariavelmente “vencedor” – evidenciando um agrupamento de clichês potencializadores de uma masculinidade estereotipada, dificilmente correspondente à realidade de um sujeito comum.

Entre personagens definitivamente inspirados pelo herói simpático, que representam 27,8% do total de personagens estudados (Gráfico 1), destacam-se o gerente honesto e responsável Chan-sung, de *Hotel del Luna*; o jovem designer de games Jun-hui, de *Something in the Rain*, apesar de seu pico obsessivo com relação à namorada em dado momento da trama; o faz-tudo boa-praça e empático Du-sik, de *Hometown Cha cha cha*; o misterioso e reticente livreiro Eun Seop, de *Eu irei quando o tempo estiver bom*; e o deprimido e apaixonado artista visual Choi Ung, de *Nosso eterno verão*. Já entre os outros quatro personagens masculinos, os quais classificaremos como *fortes*, atingindo 22,2% do total, há uma movimentação pendular do simbolismo heroico, solar, diáritico e combativo para o simbolismo do herói simpático, sensível, afetuoso e amoroso – e vice-versa. Nesses casos, há uma constante transição, nas histórias ficcionais, entre as ações do herói viril e bélico e seu oposto complementar, marcado por um comportamento comedido, apaixonado e gentil desses mesmos sujeitos que são, em sua maioria, completamente apaixonados pelas figuras femininas que lhe fazem contraponto. Personagens que expressam uma movimentação pendular do simbolismo heroico, solar, bélico, combativo (tradicional no imaginário) para o simbolismo do herói simpático, sensível, afetuoso e amoroso são o militar norte-coreano de média patente Jeong-hyeok, de *Pousando no Amor*; o empresário dominador Tae-moo, de *Pretendente Surpresa*; o astuto mafioso Vincenzo, da série que leva seu nome no título; e o monarca guerreiro e romântico Lee Gon, de *O Rei Eterno*.

¹¹ Emma Jung (1991, p. 15-16) entende que *anima* e *animus*, arquétipos opostos e complementares, se comportam “de forma compensatória em relação à personalidade externa, de certo modo uma personalidade interna que apresenta aquelas propriedades que faltam à personalidade externa, consciente e manifesta. São características femininas no homem e masculinas na mulher que normalmente estão sempre presentes em determinada medida, mas que são incômodas para a adaptação externa ou para o ideal existente, não encontrando espaço algum no ser voltado para o exterior”.

PERSONAGENS EM K-DRAMAS ROMÂNTICOS

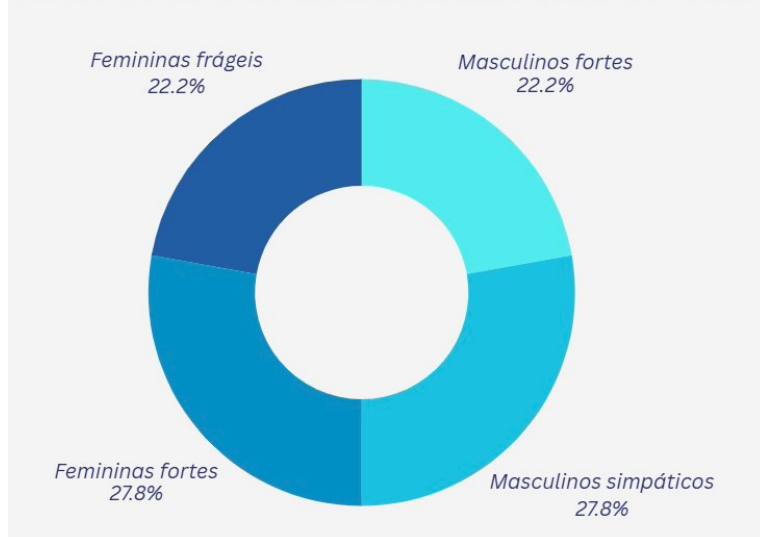


Gráfico 1: Personagens em k-dramas românticos

Fonte: Elaborado pelo autor.

No caso do simbólico feminino motivador de doramas, também identificamos variações simbólicas dinamizadoras de dois tipos principais de personagens. Em termos gerais, há aquelas que são dinâmicas, decididas e independentes, desejosas do amor para desenvolver um sentido maior de completude, mais humildade, apaziguamento e equilíbrio pessoal; e aquelas personagens mais frágeis, introspectivas e melancólicas, que encontram no amor uma possibilidade de vigor, renovação pessoal e melhora da autoestima. O simbólico feminino de raiz antropológica, mais sensível, acolhedor, receptivo e intimista (Durand, 2012) manifesta-se nos doramas de formas variadas, incluindo certa simbiose com elementos do simbolismo masculino cortante, imperativo e agressivo no caso de personagens mais autônomas. De forma ampla, o simbólico feminino dialoga com um desejo de amor que, quando acontece, permite mudanças na vida de cada personagem, bem como em suas percepções sobre si, sobre o namorado e sobre o mundo.

Assim, identificamos nas séries sul-coreanas uma movimentação do eixo mais corriqueiro do simbolismo feminino fértil, criador, acolhedor, noturno e apaziguador – bastante evidente na sistematização do imaginário antropológico (Durand, 2012) – para um simbólico feminino diferenciado, marcado pela determinação impetuosa, contundente, solar e heroica – que costuma identificar o simbolismo masculino diáritico, mais combativo e decisivo. Como resultado, temos um grupo de figuras femininas autônomas e decididas, representando aspectos da mulher sul-coreana contemporânea que já é independente social e profissionalmente – ou que luta bravamente por autonomia e autodeterminação.

Fazem parte desse grupo de *personagens fortes*, representando 33,3% do total (Gráfico 1), cinco figuras: Se-ri, a bilionária e imperativa empresária de moda de *Pousando no amor* que é forçada a trocar luxo e poder por uma vida simples na Coreia do Norte, onde encontra amor, afeição e amizade ao lado de um militar sensível; a líder rebelde Man-wol, de *Hotel del Luna*, complexa, conflituosa e atormentada por um desejo de vingança, mas que se rende ao gerente de seu hotel, encontrando assim apaziguamento em sua vida aparentemente eterna; a trabalhadora Jin-a, que, aos 35 anos, leva uma vida incompleta e enfadonha, sendo revigorada apenas pelo amor construído com o designer Jun-hui, de quem se afasta ao menor sinal de opressão em *Something in the Rain*; a promissora advogada Cha-yeong, que rivaliza em inteligência e astúcia com o mafioso Vichenzo, por quem se apaixona desde que o viu pela primeira vez na série que leva o nome dele; e a tenente de polícia Tae-eul, durona o suficiente para não aceitar facilmente as constantes investidas amorosas do monarca Lee Gon, de *O Rei Eterno*.

Por outro lado, quatro *personagens frágeis*, marcando 16,7% do total, são mais sensíveis, melancólicas, intimistas e sonhadoras, portanto bem mais próximas do simbolismo feminino antropológico mais comum, identificado por Durand (2012). Nesse aspecto, configuram-se a dentista Hye-jin, de *Hometown Cha cha cha*, incondicionalmente apaixonada pelo faz-tudo Du-sik; a musicista Hae Won, alvo de *bullying*, órfã de pai e com mãe e tia ausentes, sempre interessada em conquistar o amor do melancólico livreiro Eun Seop em *Eu irei quando o tempo estiver bom*; a sofredora e antissocial Yeon-su, que pratica autossabotagem sufocando seu amor enquanto tenta escapar de seu amado, o artista Ung, em *Nosso eterno verão*; e a funcionária endividada Ha-ri, que vive às voltas com o prepotente empresário Tae-moo em *Pretendente Surpresa*.

No cômputo geral de relações, identificamos três personagens femininas fortes relacionadas a três personagens masculinos fortes (Se-ri e Jeong-hyeok, de *Pousando no Amor*; Cha-yeong e Vichenzo, da série *Vichenzo*; Tae-eul e Lee Gon, de *O Rei Eterno*), enquanto duas personagens femininas fortes se relacionam com dois personagens masculinos simpáticos (Man-wol e Chan-sung, de *Hotel del Luna*; Jin-a e Jun-hui, de *Something in the Rain*). Por outro lado, três personagens femininas frágeis estão alinhadas a três personagens masculinos simpáticos (Hye-jin e Du-sik, de *Hometown Cha cha cha*; Hae Won e Eun Seop, de *Eu irei quando o tempo estiver bom*; Yeon-su e Choi Ung, de *Nosso eterno verão*), ao passo que a personagem feminina frágil Ha-ri namora o personagem masculino forte Tae-moo em *Pretendente Surpresa*.

Natureza

No caso do simbolismo da natureza presente em K-dramas, há uma emissão de sentidos simbólicos cósmicos acerca da formação, da organização e do equilíbrio da relação entre casais, oferecendo noções de fertilização e fecundidade do amor entre a dupla protagonista. A natureza, quando surge, é receptiva ao casal, propicia às mimeses a dois e às empatias de um para com o outro, nutridora de vivências vinculares, alimentadora do clima romântico, frutificante do amor. Quando observamos o simbolismo da natureza, elaborado ao longo dos tempos desde os primeiros sujeitos imaginantes, percebemos a valorização mítica e cósmica da natureza – esta muitas vezes entendida como manifestação de um corpo vivo divinamente animado, a Terra. No simbólico arquetípico, nosso planeta seria um organismo cósmico vital, orgânico, organizado e único, simbiótico e equilibrado, associado ao divino feminino, a uma Grande Mãe fecunda e geradora da vida que habita terras, águas e ares. A natureza, que é o próprio conjunto vivo do planeta, se manifestaria pela suposta eterna fertilidade de um feminino materno simbolizado entre diversos povos antigos e ainda hoje presente em muitas culturas. Portanto, no imaginário humano, segundo uma imaginação simbólica muito ativa em diferentes povos e épocas, há uma convergência entre a cosmicidade da Terra, a fertilidade feminina e a própria organicidade fecunda do mundo natural.

Observamos que imagens simbólicas envolvendo a natureza, oriundas da longa experiência biopsíquica e cultural da humanidade, inspiram K-dramas sob diversos aspectos. Simbolizações relativas à natureza como um todo, mas também à vegetação propriamente dita, à árvore, à terra, à água, à lua, à noite, à montanha, ao frio, à neve ou ao mar energizam narrativas seriadas oferecendo sentidos profundos e complementares à audiovisualidade dos dramas. Assim como no imaginário, nas séries estudadas a natureza está simbolicamente associada à mulher e ao princípio feminino, mas também aos sentidos cósmicos de origem, formação e equilíbrio, bem como aos sentidos prolíficos de fertilidade, fecundidade, geração, criação, regeneração, renascimento, equilíbrio e simbiose. Em dramas de TV sul-coreanos, a natureza representada em audiovisual inspira a busca e o encontro do par ideal, floresce com a aproximação dos personagens, emoldura e frutifica a união, chove lágrimas durante crises, esfria o ambiente nos afastamentos tanto quanto ilumina verdejantes reencontros. Acima de tudo, coloca-se como dínamo simbólico do amor, dando origem, organizando, equilibrando e regenerando relações entre personagens que estão sempre em busca de romance.

Considerações finais

O sucesso de séries sul-coreanas românticas no Brasil nos instigou a tentar compreender quais conteúdos simbólicos ligados ao imaginário antropológico inspiram tanto personagens masculinos e femininos quanto as representações da natureza, presentes em muitos K-dramas sob diversas formas. Nossas leituras simbólicas sobre nove doramas produzidos entre 2018 e 2022 evidenciaram movimentações do simbólico arquetípico tanto no princípio masculino quanto no feminino. Já no que diz respeito à natureza, percebemos uma maior estabilidade do simbólico, proporcionando sentidos de fecundidade e frutificação nas relações amorosas dos casais protagonistas.

Dos nove personagens masculinos pesquisados, vimos que cinco são mais alinhados ao herói simpático (Morin, 2002), sendo mais sensíveis, gentis, respeitosos, afetuosos e românticos, tendendo a um relacionamento amoroso incondicional. Nos K-dramas com esses personagens, há um afastamento do simbólico masculino heroico, solar, decisivo, desmedido e erotizado – tão marcante no imaginário antropológico sistematizado por Durand (2012). Nesses casos, o masculino sul-coreano tem características e valorizações simbólicas que o distanciam do masculino heroico tradicional, costumeiramente representado em filmes e séries de TV ocidentais como virilizado, sexualizado, destemido, competitivo, confiante. Entretanto, outros quatro personagens masculinos descrevem uma movimentação pendular do simbolismo heroico tradicional (solar, combativo, excepcional) para o simbolismo do herói simpático (sensível, amoroso, comum), e vice-versa. Esses protagonistas transitam entre as ações do herói viril e contundente e as do seu reverso, mais calmo, gentil e apaixonado.

Já do ponto de vista do simbólico feminino inspirador de doramas, identificamos igualmente uma dupla movimentação que dinamiza dois tipos principais de personagens. Por um lado, as cinco personagens mais dinâmicas, autônomas e fortes buscam no amor mais completude, humildade e apaziguamento, representando aspectos da mulher sul-coreana contemporânea, independente social e profissionalmente, mas que ainda sonha saciar seu desejo de romance. Aqui, afasta-se o tradicional simbolismo feminino fértil, criador, agregador e acolhedor, comum no imaginário antropológico, evidenciando um simbólico feminino mais determinado, impetuoso, independente e heroico – valorizações tradicionalmente mais ligadas ao simbolismo masculino, sempre mais cortante e diáritico (Durand, 2012). Por outro lado, as quatro personagens mais frágeis e melancólicas, intimistas e sonhadoras, bem marcadas pelo simbolismo feminino antropológico mais evidente (íntimo, interiorizado, acolhedor, recolhido, caseiro, calmo) encontram no amor maior vivacidade, autoestima e vigor. Em ambos os casos, o simbólico feminino dialoga com um desejo de amor que, quando realizado, provoca mudanças nas personagens.

No caso do simbolismo da natureza, motivador de tramas, cenas e situações envolvendo elementos naturais ou fenômenos físicos que incidem sobre histórias e personagens, percebe-se sentidos de formação, organização, sustento e equilíbrio da relação amorosa entre casais. Simbolicamente, a natureza oferece noções de fertilização do afeto entre protagonistas, nutrição de vivências, regeneração mútua, alimentação do romance e frutificação do amor. O simbolismo da natureza estimula o florescimento do romance, dinamizando o amor a dois.

Em nosso estudo, compreendemos que, nessas nove séries estudadas, há alterações significativas do simbólico mais tradicionalmente alinhado ao imaginário antropológico, resultando em personagens masculinos mais sensíveis, simpáticos, românticos e amorosos, por um lado, e em personagens femininas mais dinâmicas, autônomas e fortes, por outro. O desejo por amor, porém, manifesta-se entre todos e todas, sendo emoldurado por elementos naturais.

Referências

- ALMEIDA, S. Onda Coreana? Entenda o que é Hallyu e o seu impacto no entretenimento. **Portal Jovem Nerd**, on-line, 1 fev. 2023. Disponível em: <<https://jovemnerd.com.br/noticias/series-e-tv/onda-coreana-halluy-o-que-e>>. Acesso em: 20 jan. 2023.
- BARROS, A. T. M. P.; CONTRERA, M. S. Estudos do Imaginário: a iniciação como método. In: ARAÚJO, D.; BARROS, A. T. M. P.; CONTRERA, M.; ROCHA, R. M. (Orgs.). **Imag(em)inário: imagens e imaginário na comunicação**. v. 1. Porto Alegre/Curitiba: Imaginalis; Página 42, 2018. p. 22-36. Disponível em: <<https://lume.ufrgs.br/handle/10183/179287>>. Acesso em: 17 dez. 2024.
- DUBOIS, C.-G. Les modes de classification des mythes. In: THOMAS, J. (Org.). **Introduction aux méthodologies de l'imaginaire**. Paris: Ellipses, 1998. p. 28-35.
- DURAND, G. **A imaginação simbólica**. Tradução de Carlos Aboim de Brito. Lisboa: Edições 70, 1993.
- DURAND, G. **Campos do imaginário**. Tradução de Maria João Batalha Reis. Lisboa: Instituto Piaget, 1996.
- DURAND, G. **As estruturas antropológicas do imaginário: introdução à arquetipologia geral**. Tradução de Helder Godinho. São Paulo: Martins Fontes, 2012.
- ELIADE, M. **Mito e realidade**. Tradução de Pola Civelli. São Paulo: Perspectiva, 2016.
- EU IREI QUANDO o tempo estiver bom. Direção de Ji-Seung Han. Produção de Ace Factory. Coreia do Sul, 2020. Digital, 1.120 min.
- FANTINEL, D. Mitocrítica fílmica: a interpretação do filme em seu horizonte mítico. **Esferas**, on-line, v. 2, n. 24, p. 254-280, maio 2022. Disponível em: <<https://doi.org/10.31501/esf.v1i24.13697>>. Acesso em: 22 out. 2025.
- GARCIA, J.; HSU, Y. Y.; ALBUQUERQUE, M. **Ásia Pop: estudo sobre as produções audiovisuais japonesas e sul-coreanas e seus desdobramentos no contexto brasileiro**. In: Grupo de Pesquisa Comunicação, Arte e Literacia Midiática – UFJF. Juiz de Fora: UFJF, 2021. Disponível em: <<https://www2.ufjf.br/comunicarliteracia/projetos/asia-pop-estudo-sobre-as-producoes-audiovisuais-japonesas-e-sul-coreanas-e-seus-desdobramentos-no-contexto-brasileiro/>>. Acesso em: 23 jan. 2023.
- HOMETOWN CHA CHA CHA. Direção de Kim Je-hyeon. Produção de GTist e Studio Dragon. Coreia do Sul, 2021. Digital, 1.120 min.
- HOTEL DEL LUNA. Direção de Choong Hwan Oh. Produção de GTist e Studio Dragon. Coreia do Sul, 2019. Digital, 1.120 min.
- JUNG, C. G. O Eu e o inconsciente. Tradução de Dora Ferreira da Silva. Petrópolis: Vozes, 1978.
- JUNG, C. G. **Os arquétipos e o inconsciente coletivo**. Tradução de Dora Mariana R. Ferreira da Silva e Maria Luiza Appy. Petrópolis: Vozes, 2000.
- JUNG, C. G. **O Homem e seus símbolos**. Tradução de Maria Lúcia Pinho. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.
- JUNG, E. **Animus e Anima**. Tradução não informada. São Paulo: Cultrix, 1991.

JUST WATCH DIVULGA streamings mais populares no Brasil. **Revista Meio & Mensagem**, on-line, 14 out. 2024. Acesso em: 17 jan. 2025. Disponível em: <<https://www.meioemensagem.com.br/midia/justwatch-divulga-streamings-mais-populares-no-brasil#:~:text=A%20empresa%20alem%C3%A3%20JustWatch%20divulgou,das%20concorrentes%2C%20como%20a%20Max>>. Acesso em: 3 set 2024.

LÉVI-STRAUSS, C. **Le regard éloigné**. Paris: Plon, 1983.

MARIANO, S. A onda Hallyu já te pegou? Entenda a popularização dos dramas sul-coreanos no Brasil. **Jornal O Casarão – UFF**, on-line, 14 ago. 2023. Disponível em: <<https://jornalocasarao.uff.br/2023/08/14/a-onda-hallyu-ja-te-pegou-entenda-a-popularizacao-dos-dramas-sul-coreanos-no-brasil/>>. Acesso em: 3 set 2024.

MORIN, E. **Cultura de massas no século XX: o Espírito do Tempo 1 – Neurose**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002.

NYE JR., J. S. **O paradoxo do poder americano**: porque a única superpotência do mundo não pode prosseguir isolada. Tradução de Luiz Antônio Oliveira de Araújo. São Paulo: Editora da UNESP, 2002.

NOSSO ETERNO VERÃO. Direção de Kim Yoon-jin. Produção de Seoul Broadcasting System (SBS), Studio N e Super Moon Pictures. Coreia do Sul, 2021-2022. Digital, 1.120 min.

O REI ETERNO. Direção de Baek Sang-Hoon. Produção de Hwa and Dam Pictures e Studio Dragon. Coreia do Sul, 2020. Digital, 1.120 min.

POUSANDO NO AMOR. Direção de Kim Hui-won e Jung Hyo Lee. Produção de Studio Dragon. Coreia do Sul, 2019-2020. Digital, 1.120 min.

PRETENDENTE SURPRESA. Direção de Park Seon-ho. Produção de Kakao Entertainment, Kross Pictures e Studio S. Coreia do Sul, 2022. Digital, 840 min.

SOMETHING IN THE RAIN. Direção de Pan-suk Ahn. Produção de JTBC Studios. Coreia do Sul, 2018. Digital, 1.120 min.

URBANO, K. Das japonesidades às coreanidades pop: um olhar sobre o fenômeno da Japão Mania e da Onda Coreana no Brasil. In: YUN, J. I. (Org.). **Na onda da Hallyu: o fenômeno mundial e seus reflexos no Brasil e Portugal**. Barueri: Estação das Letras e Cores, 2022. p. 80-96.

VICHENZO. Direção de Kim Hee-won. Produção de Logos Film e Studio Dragon. Coreia do Sul, 2021. Digital, 1.400 min.

Informações do artigo

Resultado de projeto de pesquisa, de dissertação, tese

O artigo é resultado da pesquisa “Irrupções simbólicas do feminino, do masculino e da natureza em séries de TV românticas sul-coreanas”, realizada em nível de pós-doutorado no Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Paulista (PPGCOM-UNIP).

Fontes de financiamento

Bolsa do Programa de Desenvolvimento da Pós-Graduação (PDPG) - Pós-Doutorado Estratégico da CAPES, Processo nº 88887.805087/2023-00.

Apresentação anterior

Apresentação do trabalho “A água simbólica fértil, feminina e amorosa na série sul-coreana Something in the Rain” no GT Imagem e Imaginários Midiáticos do 33º Encontro da Compós (23 a 26 de julho de 2024, Universidade Federal Fluminense, Niterói – RJ). Apresentação do trabalho “Fotogenia: audiovisualidades de vínculo e amor em séries sul-coreanas” no V Encontro Teoria de Cineastas: Práticas e Políticas do Pensamento por imagens (11 a 13 de novembro de 2024, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre – RS). Apresentação do procedimento teórico metodológico da pesquisa na disciplina “Comunicação e linguagens: rupturas de sentidos e metodologias do audiovisual” do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (PPGCOM-UFRGS), no dia 22 de abril de 2025.

Informações sobre Cuidados Éticos e Integridade Científica

A pesquisa que resultou neste artigo teve financiamento?

Sim.

Financiadores influenciaram em alguma etapa ou resultado da pesquisa?

Não.

Liste os financiadores da pesquisa:

Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

Autora, autor, autores têm algum tipo de vínculo ou proximidade com os financiadores da pesquisa?

Vínculo por bolsa de pesquisa.

Descreva o vínculo apontado na questão anterior:

Bolsa.

Autora, autor, autores têm algum tipo de vínculo ou proximidade com alguma pessoa ou organização mencionada pelo artigo?

Não.

Descreva o vínculo apontado na questão anterior:

Não há vínculos deste tipo.

Autora, autor, autores têm algum vínculo ou proximidade com alguma pessoa ou organização que pode ser afetada direta ou indiretamente pelo artigo?

Não.

Descreva o vínculo apontado na questão anterior:

Não há vínculos deste tipo.

Interferências políticas ou econômicas produziram efeitos indesejados ou inesperados à pesquisa, alterando ou comprometendo os resultados do estudo?

Não.

Que interferências foram detectadas?

Nenhum efeito inesperado do tipo foi detectado.

Mencione outros eventuais conflitos de interesse no desenvolvimento da pesquisa ou produção do artigo:

Não há conflitos de interesse.

A pesquisa que originou este artigo foi realizada com seres humanos?

Não.

Entrevistas, grupos focais, aplicação de questionários e experimentações envolvendo seres humanos tiveram o conhecimento e a concordância dos participantes da pesquisa?

Não se aplica porque a pesquisa não envolveu a participação de seres humanos.

Participantes da pesquisa assinaram Termo de Consentimento Livre e Esclarecido?

Não se aplica porque a pesquisa não envolveu a participação de seres humanos.

A pesquisa tramitou em Comitê de Ética em Pesquisa?

Não se aplica porque a pesquisa não envolveu a participação de seres humanos.

O Comitê de Ética em Pesquisa aprovou a coleta dos dados?

Não se aplica porque a pesquisa não envolveu a participação de seres humanos.

Mencione outros cuidados éticos adotados na realização da pesquisa e na produção do artigo:

Fizemos um banco de imagens digital e on-line com insumos obtidos junto aos nossos objetos de pesquisa para darmos maior materialidade ao conteúdo coletado, que foi trabalhado posteriormente segundo nossa proposta teórico-metodológica. Nesse repositório, fizemos a indexação das imagens conforme nossos eixos teóricos e objetivos de pesquisa para, a partir disso, complementarmos nossas análises e tirarmos conclusões importantes para a investigação.